

INFORME MENSAL A.H.J.B

Ano 3- Agosto de 2011

N. 22

Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

EDITOR: Samuel Belk

Neste número

- 1- Floriano Pesaro visita o Arquivo
- 2- Berta Pappenhein
- 3- Iniciativa do “Yiddish Book Center”
- 4- Tango da morte: Ritmo do lamento
- 5- Nossa Biblioteca
- 6- Mil anos dos Judeus na Polônia
- 7- O Canto Gregoriano

Floriano Pesaro visita o Arquivo

No dia 20 de julho, o vereador Floriano Pesaro acompanhado de sua secretária Marina Bragante e de sua assessora Ester Tarandach estiveram em visita ao Arquivo. Recepcionaram o vereador e suas acompanhantes, o Presidente do Arquivo Maurício Serebrinic bem como vários diretores.

O vereador e suas acompanhantes tiveram oportunidade de ver a pequena exposição com documentos do acervo como o livro de entrada de imigrantes no porto de Santos, passaportes, cartas de chamada, e publicações do Arquivo como o livro “Passagem para a América”, a revista Boletim Informativo, o Informe Mensal, Anais de Encontros Nacionais, etc.

Também foi exibido um DVD institucional onde foram mostradas todas as atividades de nossa entidade, depois de ter visitado as instalações, inclusive a recente ampliação do espaço, para melhor acomodar o recebimento de novas doações.

Foi proposta ao vereador nesta ocasião uma parceria sobre seu projeto para divulgação do Holocausto nas escolas Municipais e Estaduais, bem como a criação de uma “Van de Tolerância”.

Tomamos também conhecimento nesta ocasião que o vereador esteve recentemente no Encontro Nacional de Parlamentares Judeus em Jerusalém e que foi nomeado representante da América Latina no organismo Mundial de Parlamentares Judeus.

Bertha Pappenhein

Bertha Pappenhein (1859-1936) foi a mais importante representante do movimento de mulheres judias do século XX. Nascida de uma família judia ortodoxa de Viena, ela dedicou toda sua vida à educação de jovens no melhoramento de suas condições de vida. Em 1904 fundou a Associação Judaica de Mulheres e publicou numerosos

artigos e panfletos sobre a situação política e social, bem como sobre a posição da mulher no judaísmo.

Uma de suas maiores preocupações foi o combate à prostituição de jovens do leste europeu, que fugiam para o ocidente, em razão dos pogroms, da Rússia czarista. Grande número de jovens judias pobres e desempregadas foram levadas nesta ocasião à prostituição, por organizações internacionais.

A partir de 1903 Bertha começou a viajar a outros países, criando organizações de ajuda, como já o fizera na Alemanha. Ela escrevia incansavelmente trazendo estes assuntos para chamar a atenção do mundo.

Em 1907 fundou perto de Frankfurt um Centro Comunal Educacional, originalmente concebido para mães solteiras da Alemanha. Acolhia mulheres grávidas, órfãos e jovens tendo se tornado em seguida um centro de treinamento profissional depois que uma lei do Governo Nacional Socialista proibiu tal treinamento no setor público.

Bertha quis reformar o papel mulher no judaísmo. Ela lutou por direitos iguais, autodeterminação e autonomia da mulher judia, e ajudou um grande número de jovens recuperarem seu caminho cultural e religioso permitindo assim encontrar um lugar para elas na comunidade judaica.

Durante o pogrom de novembro de 1938, o Centro Comunitário foi incendiado. Os membros da direção foram deportados em 1942 para Theresienstadt e as crianças também levadas para lá e para Auschwitz onde foram assassinadas.

Durante sua adolescência ela contribuiu para a história da medicina sob o pseudônimo de “Anna O”, nos “Estudos de Histeria” (1.895) de Josef Breuer e Sigmund Freud. Depois de muitos anos cuidando de seu pai até a morte, ela adquiriu uma doença psicológica. Freud referiu-se à Bertha como paciente fundadora do método psicanalítico.

(das Histórias do Museu Judaico de Berlim).

Iniciativa do “Yiddish Book Center”

O “Yiddish Book Center” sediado em Massachusetts, Estados Unidos, abriu um concurso com dois prêmios de mil dólares para tradução de textos de qualquer gênero, do ídish para o inglês. Esta iniciativa visa estimular e encorajar este tipo de atividade.

De acordo com Aaron Lansky, presidente e fundador do “Yiddish Book Center”, menos de 2% dos títulos em ídish foram traduzidos para o inglês. Grande parte da literatura ídish é ainda inacessível para os leitores da língua inglesa. A única resposta para este caso é mobilizar e treinar uma nova geração de tradutores.

Esta oferta do Book Center se insere num programa anual mais amplo de conferências e work shops sobre tradução. Fará parte da comissão de julgamento, entre outros Justin Cammy especialista em Literatura e Cultura judaica do Leste Europeu, no Smith College. Ele foi o tradutor das

Memórias de Hide Berner bem como de trabalhos de Sholem Aleichem e de Yankev Gladshstein, para o inglês.

Tango da Morte: Ritmo do lamento

"A música começa a soar do outro lado do portão. Sim, temos uma orquestra de 16 homens, todos prisioneiros. Essa orquestra, que conta com algumas personalidades do mundo da música, sempre toca quando vamos e voltamos do trabalho ou quando os alemães recolhem um grupo que será executado.

Sabemos que um dia, para muitos de nós, senão para todos, a orquestra também tocará o 'Tango da Morte'. A cena descrita acima pelo engenheiro polonês Leon Weliczker Wells em *O Caminho de Janowska*, mostra como era comum até nos campos de concentração da Segunda Guerra um gênero musical caracterizado por melodias tristes e nostálgicas. "Tango da Morte" era a forma genérica como eram conhecidos os tangos tocados principalmente durante os fuzilamentos e enforcamentos e antes dos judeus entrarem nas câmaras de gás em locais como Auschwitz, Terezin, Dachau e Buchenwald. Leon Wells, por sorte, não chegou a ouvi-lo.

Em ídich, russo ou em espanhol, sua língua de origem, o tango foi um estrondoso sucesso na Europa e no resto do mundo nos anos 40. A música melancólica, como a conhecemos, nasceu entre o fim de março e o começo de abril de 1917. Foi nessa época que Carlos Gardel cantou "Mi Noche Triste", de Pascual Contursi, no Teatro Esmeralda, e estreou o tango-canção – caracterizado pela presença de letra nas músicas. A história do tango, no entanto, é mais antiga e obscura do que isso. A antropóloga argentina Maria Susana Azzi, diz que o tango foi o instrumento de integração cultural do povo argentino.

Nossa Biblioteca

Logo após a ascensão do nazismo na Alemanha dona Frieda e seu marido Egon, diplomados pela Universidade de Berlin e recém casados pressentiram que os anos negros estavam por vir. Tangidos pela esperança aportaram em Santos em 12 de fevereiro de 1936.

Trabalharam em São Paulo no campo da ótica e em seguida mudaram-se para o Rio de Janeiro. A história deste brilhante casal é narrada pela própria Frieda no livro "*Nossas Três Vidas*". Eles foram membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pesquisadores da presença judaica no Brasil, tendo publicado 43 títulos.

A Biblioteca do Arquivo além de possuir a maioria dos livros por eles publicados, abriga alguns álbuns de viagens, anotações e documentações iconográficas para os livros. Entre os livros estão: *Judeus no Brasil Imperial*, *Judeus nos Primórdios do Brasil República*, *Dicionário Biográfico em diversos volumes*, *A Odiíssima dos Judeus de Recife*, *D. Pedro II e os Judeus* e outros.

Mil anos dos Judeus na Polônia

Depois de passar pela França, Strasburgo (Parlamento Europeu) e Curitiba, a mostra que marca um século da presença judaica em território polonês, ocupará o espaço de exposições do SESC Vila Mariana, localizado na zona sul da capital paulista, de 5 a 28 de agosto. A exposição tem curadoria brasileira de Urszula Grosca, curadoria polonesa de Marili Berg e Thiago Halewicz, com realização do SESC e co-realização do Instituto Adam Mikiwicz, de Varsóvia, Polônia, e o apoio dos Consulados Gerais da República da Polônia; em São Paulo e em Curitiba.

São 60 painéis para honrar a memória de mil anos da história e da cultura judaica inscrita no passado polonês e inseparavelmente ligada à identidade cultural polonesa e ao desenvolvimento da cultura judaica. A mostra inclui arquivos privados como o da família Milewski, obras do fotógrafo Kieszkowski e H. Rosiak, fotografias cedidas por fontes como o Israel Museum in Jerusalem, Museu Nacional de Varsóvia, Kracóvia e Wroclaw Fundação Czarotoryskich em Kracóvia, Biblioteca Nacional de Varsóvia e Arquivo Nacional, entre outros. (Revista Shalom de 14/07)

O Canto Gregoriano e a Música Hebraica

Em São Paulo, no Mosteiro de São Bento, as pessoas de todos os credos se unem para apreciar, aos domingos o Canto Gregoriano. A pureza dos sons traz a elevação do espírito e se integra à arquitetura gótica, que se volta para o céu.

A Abadia de Solesmes, na França, é conhecida pelo Gregoriano perfeito. Mas perto de nós, em Campos do Jordão, os beneditinos também cultivam esta arte diariamente no fim da tarde—a hora do "Angeluz". Poucos sabem que este canto, introduzido no sétimo ano da Era Comum pelo Papa Gregório provem de antigas melodias hebraicas e gregas.

É monódico (a uma só voz) sem acompanhamento (apenas um apoio) e em ritmo livre.

Mesmo alguns termos utilizados pela liturgia da Igreja derivam de palavras hebraicas:

Aleluia—"Hallelu Yah" -Louvai ao Senhor,

Amém—"Amem"- Assim seja,

Sanctus- "Kadosh" . (Léa Vinocur Freitas, diretora do AHJB)

Colaboram neste número: Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Hadasa Cytrynowicz, Léa Vinocur Freitag, Eliane Klein e Rebeca Belk.

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 / 2157-4121

E Mail: ahjb@ahjb.org.br Site: www.ahjb.org.br